ESTADO DE MINAS

Publicado em 28/10/2022 - 05:55

"Sou candidata a servir ao Brasil"

Em entrevista exclusiva aos Diários Associados, a senadora Simone Tebet chama Bolsonaro de "desumano" e justifica sua adesão à candidatura de Lula como defesa da democracia

"EU ME POSICIONEI EM MOMENTO DECISIVO"

Ana Mendonça, Benny Cohen e Guilherme Peixoto

Terceira colocada no primeiro turno da eleição presidencial, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) embarcou na campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra Jair Bolsonaro (PL), a quem chama de "desumano". A emedebista, que neste ano vai escolher pela primeira vez um candidato do PT, diz querer ser "fiadora" do voto em Lula. Ontem, no intervalo de uma hora entre agendas que cumpriu em Belo Horizonte, a parlamentar concedeu entrevista exclusiva ao **Estado de Minas**, portal Uai e à TV Alterosa. Antes da passagem pela capital, Tebet foi a Divinópolis, no Centro-Oeste. A senadora tem feito diversas atividades pró-Lula para garantir que seu espólio de 4,9 milhões de votos migre para o petista. Em Minas, ela foi escolhida por 500,6 mil cidadãos, mas admite que a transferência de votos no estado ainda precisa de fôlego.

"Temos, aqui, um pessoal bem indeciso, considerada a média nacional. Eu quero ser a avalista, a fiadora desse voto. Podem votar em Lula sem medo. Quem não quiser votar no Lula, vota no 13. Quem não quiser votar no 13, vota na democracia. Quem não quiser votar na democracia, vota contra Bolsonaro, um presidente desumano", afirmou.

Para Tebet, sua entrada na coalizão de Lula ocorreu em "momento decisivo" — o que pode pesar a favor do ex-presidente no próximo domingo. "O fato de eu ter me posicionado tão rapidamente, em um momento decisivo do segundo turno, fez com que o eleitor do centro democrático, e outros que estavam indecisos, pudessem parar e falar: Espera, vou olhar o que está acontecendo. Se a Simone, que nunca votou no PT (está deste lado), tem coisa aí". Pararam para me ouvir", explicou.

Assim como outros políticos do centro à direita que aderiram a Lula, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Tebet trata a eleição deste ano como um plebiscito que precisa terminar com um "sim" à democracia. "Tenho críticas construtivas a fazer [ao PT], mas sei que estou do lado certo da história. Esta é a eleição mais difícil e mais importante desde a redemocratização. O povo brasileiro colocou apenas um democrata no segundo turno. Sem democracia, não temos pauta, economia, educação, saúde, desenvolvimento, comida barata e emprego." A seguir, os principais pontos da entrevista, que pode ser vista na íntegra no "Jornal da Alterosa", no YouTube

SEGUNDO TURNO E EVENTUAL GOVERNO LULA

A expressão "centro democrático" é recorrentemente citada por Simone Tebet. Ela, de fato, foi apoiada por partidos do centro à direita no primeiro turno – PSDB, Podemos e Cidadania. Agora, diz, tem o papel de transmitir "tranquilidade" ao eleitor que não é de esquerda, mas deseja votar no PT. "Lula vai significar, nos quatro anos, a travessia mais importante desde a redemocratização. A ponte que precisamos entre a democracia e a barbárie, o progresso e o retrocesso civilizatório, o amor e o ódio, o livro e a arma", afirmou. A opinião de Tebet vai ao encontro dos planos de Lula, que afirmou publicamente não pretender disputar a reeleição. "Ele vem para fazer uma passagem, uma transição muito importante para o Brasil que queremos para os próximos anos", emendou ela.

Apesar do empenho em prol de Lula, a senadora garantiu não pleitear cargos em um eventual governo de seu mais novo aliado. "Sou candidata a servir ao Brasil. Não preciso de cargo nem de ministério. Meu mandato se encerra agora. Quando fui candidata à Presidência, meu objetivo era um projeto muito mais político do que eleitoral. Claro que queria ganhar a eleição e fiz esforço para isso, mas sabia que a chance era muito pequena".

"Não preciso de cargo e nem de mandato. Nem sei se o ideal é ter um ministério, pois os problemas são tantos e diversos, que Lula precisa ter a liberdade de escolher as pessoas certas para os lugares certos", afirmou também a parlamentar.

BOLSONARO E O "DISCURSO DE PERDEDOR"

Serena ao longo da entrevista aos Diários Associados, Simone Tebet subiu o tom ao criticar as investidas de Bolsonaro para criticar suposta desigualdade no número de inserções das campanhas do PL e do PT em algumas rádios. Na queixa enviada pelo presidente ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Lula teria sido escutado mais vezes do que ele pelos ouvintes "É discurso de perdedor, de quem quer perder. Ele sabe que a fiscalização dessas inserções em rádios não é do TSE. Não há motivo para judicializar", rebateu.

Para a ex-candidata ao Planalto, Bolsonaro cria "crises artificiais" a fim de forçar o que chamou de "terceiro turno". "Vivemos em uma democracia. Seja qual for o resultado entre Lula e Bolsonaro, todos temos de estar prontos para defender o resultado das urnas. A soberania é popular. Se tenho um presidente que não entende isso, tenho um presidente que flerta com o autoritarismo, não respeita a democracia e, portanto, não pode permanecer no cargo", defendeu.

A reboque do caso das emissoras radiofônicas, Tebet abordou, também, o atentado contra policiais federais cometido pelo ex-deputado Roberto Jefferson, que liderou o PTB por anos a fio. O político, aliado de Bolsonaro, está preso. "É um presidente que fala que defende a família, a polícia em relação aos bandidos, mas quando a Polícia Federal é ameaçada com um atentado por parte de um bandido, ele, em vez de defender a polícia, começa a fazer a defesa desse mesmo cidadão."

TULIO SANTOS/EM/D.A PRESS

AGRONEGÓCIO

A senadora sul-mato-grossense vem de uma família ligada ao agronegócio. De boa interlocução junto aos grandes produtores do Centro-Oeste brasileiro, Tebet afirmou que Lula e o PT não podem cometer "erros do passado" e deve acreditar que os homens e as mulheres do campo podem conviver pacificamente com o agro. Segundo ela, as chaves para que haja diálogo entre as partes são "equilíbrio e responsabilidade".

Tebet é crítica ao apoio de parte do agronegócio a Bolsonaro. Segundo ela, que diz não entender a aliança, o presidente "prejudica" o negócio dos produtores rurais. Ao não cuidar do meio ambiente e da Amazônia de forma responsável, (o presidente) está fechando as portas dos mercados internacionais para o agro brasileiro", salientou.

"Não entendo como o meu setor, o agronegócio, consegue apoiar um presidente que prejudica nossos negócios. Ao não cuidar do meio ambiente e da Amazônia de forma responsável, está fechando as portas dos mercados internacionais para o agro brasileiro. Paralelo a isso, é importante, nós temos que entender que Lula não pode cometer os erros do passado. São mais de 30 milhões de hectares degradados que podem ser utilizados pela reforma agrária. São áreas que não precisam ser desapropriadas. Hoje o presidente Lula entende isso", disse.

"GUERRA DE NARRATIVAS"

A batalha eleitoral deste ano tem sido disputada também no campo virtual. O começo do segundo turno, por exemplo, proporcionou debates que falseavam sobre relações de Lula e Bolsonaro com o satanismo e a maçonaria. Para Tebet, a guerra de narrativas nas redes sociais traz desinformação. "A gente não combate mentira com mentira, mas com verdade, coragem e transparência. Fake news é algo que vamos ter coragem de combater pelo bem da democracia", cravou.

Na visão dela, as plataformas digitais, quando utilizadas para propagar notícias falsas, ajudam a "desconstruir" a democracia. "Estamos vendo mentiras sendo transformadas em verdades e pautas que não são as verdadeiras da população brasileira colocadas nas redes como prioritárias. A quem interessa armar a população? A quem interessa pautas que dividem a população? O brasileiro sempre foi unido em sua fé", protestou, para, de pronto, concluir: "Está virando uma guerra santa. A quem interessa dividir o Brasil? Só interessa a quem quer ocupar o Brasil pelo poder e pelo lado errado da história".

POLÍTICA E RELIGIÃO

Católica, Simone Tebet ressaltou que não gosta de criticar outras mulheres, mas listou restrições a respeito do discurso da primeira-dama Michelle Bolsonaro. A esposa do presidente da República tem tratado o marido como um homem "escolhido por Deus". "Quando você começa a falar que alguém vem, em nome de Deus, representando uma pauta, você começa, de forma leviana, a misturar guerra e política. Isso não dá certo no mundo e não vai dar certo no Brasil. Não podemos transformar o Brasil em uma guerra santa. Alguns países matam por causa disso. Somos um povo pacífico. Essa pauta é perigosa", falou a senadora.

A emedebista acredita que Michelle pode, inclusive, obter sucesso na política eleitoral, mas desde que realinhe o discurso e não misture "o Estado à fé". "Todas as mulheres brasileiras têm que entrar para a vida pública se for essa a vontade. Só espero que tenham pautas que, realmente, representem o que as famílias brasileiras querem. As famílias brasileiras querem paz, poder ir aos templos fazer orações e não ser influenciadas com fake news, inverdades e rituais messiânicos, como se um fosse a encarnação do mal e, o outro, do Messias. Fora isso, todas as mulheres brasileiras têm de estar na vida pública defendendo o que acreditam".

DIREITOS FEMININOS

Simone Tebet assegurou que, a partir deste ano, toda eleição vai contar com uma mulher encampando, com destaque, as pautas que defende. Agora, sua luta é para fazer valer a igualdade salarial entre homens e mulheres. Um projeto de lei do tipo foi aprovado pelo Senado, mas está parado na Câmara dos Deputados. A ideia é que empregadores que descumprirem a regra sejam punidos com multa. Segundo a congressista, trata-se de pauta "imediata" a ser posta em prática por Lula.

"Lamentavelmente, a mulher preta, no Brasil, ganha até menos 40% do que o homem na mesma função e com o mesmo currículo. Se for uma mulher branca, 20%", indignou-se. A equiparação salarial de gênero, para Tebet, pode fomentar a economia nacional. "Esse dinheiro, circulando, geraria quantos milhões de empregos indiretos e indiretos?", questionou.

RELAÇÃO ENTRE LULA E ZEMA

Na eleição mineira, o MDB de Tebet compôs a coligação do governador reeleito Romeu Zema (Novo), que neste segundo turno coordena a campanha estadual de Bolsonaro. A senadora chegou a defender a candidatura de Zema, mas nesta semana chegou a dizer que o político do Novo "se aproveitou da neutralidade" para vencer a corrida ao Palácio Tiradentes no 1º turno. Ontem, ela assegurou que, em caso de vitória de Lula, as diferenças ideológicas entre os governos federal e estadual não vão prejudicar o povo de Minas Gerais.

"Estamos falando de um dos principais estados da Federação brasileira. Lula, se eleito presidente, vai governar para todos, independentemente do partido do governador do respectivo estado", asseverou. Segundo ela, o petista "nunca" se esteve à "coloração partidária" para basear os atos de sua gestão. "Bolsonaro, apesar de dizer que o problema é a pandemia, nunca olhou para os reais problemas dos estados brasileiros", pontuou.

Defensora de alterações nas bases do pacto federativo, Tebet deposita fichas na reforma tributária como mola propulsora para aumentar a arrecadação de Minas. "Um novo pacto federativo vai permitir que os impostos sejam melhor distribuídos aos estados mais populosos e aos municípios", opinou. "Minas é o segundo estado mais populoso. Consequentemente, precisa de mais recursos para prestar serviços de qualidade na saúde, na educação, na segurança e na infraestrutura", acrescentou, citando a expansão do metrô de Belo Horizonte e a duplicação de rodovias como "problemas" a serem resolvidos em solo mineiro.

> "Não entendo como o meu setor, o agronegócio, consegue apoiar um presidente que prejudica nossos negócios"

> "Minas precisa de mais recursos para prestar serviços de qualidade na saúde, na educação, na segurança e na infraestrutura"

> "Um presidente [Bolsonaro] que flerta com o autoritarismo, não respeita a democracia, não pode permanecer no cargo"

■ **Simone Tebet,** senadora

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.